

SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA: UMA AGENDA PARA OS DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

SOCIOLOGY AS SCIENCE: AN AGENDA FOR THE CHALLENGES OF THE CONTEMPORARY WORLD

Celi Scalon

Professora do Programa de Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É pesquisadora 1A do CNPq e já foi presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) entre 2009 e 2011. Seus estudos versam principalmente sobre desigualdade social. E-mail de contato: celiscalon@gmail.com.

RESUMO

A rapidez das transformações sociais torna a sociologia cada vez mais necessária no mundo; portanto, repensar seu papel diante das mudanças bruscas da modernidade é tarefa urgente dos sociólogos. O objetivo deste texto é justamente provocar os leitores a refletir sobre o lugar da sociologia na Academia e nas ciências como um todo, assim como a natureza de sua produção e o que a faz específica.

Palavras-chave: Sociologia; modernidade; sociólogos.

ABSTRACT

The rapid pace of social transformations makes sociology increasingly necessary in the world; therefore, rethinking its role in the face of the abrupt changes of modernity is an urgent task for sociologists. The aim of this text is precisely to provoke readers to reflect on the place of sociology within academia and the sciences as a whole, as well as the nature of its production and what makes it distinctive.

Keywords: Sociology; modernity; sociologists.

O aniversário é das ciências sociais da PUC-Rio, mas o presente é nosso. Eu vou me permitir falar em nome da sociologia brasileira para expressar a enorme gratidão e dívida que nós temos com essa instituição, pela imensa contribuição, tanto na formação de quadros como na pesquisa científica, que nos deu e continua dando. São 70 anos de formação e pesquisa de excelência, e é impossível pensar o passado, o presente e o futuro das ciências sociais sem o trabalho e a dedicação dos colegas, dos alunos e dos funcionários. Então, parabéns, PUC-Rio.

Abordar temas da agenda contemporânea das ciências sociais é sempre bastante desafiador. Poderíamos listar inúmeras áreas, como novas tecnologias, meio ambiente e outros campos de pesquisa sobre os quais vou falar um pouquinho mais à frente. Mas eu vou falar pela via da sociologia, devido a minha formação como socióloga. Afinal, minha militância é na sociologia.

A sociologia é uma ciência da mudança; essa é sua origem e seu destino. Portanto, está sempre sendo chamada e desafiada pelo novo. Mas eu acredito que, mais do que temas “novedosos” — para usar uma expressão emprestada do espanhol que eu gosto bastante —, a ousadia do pesquisador não está necessariamente na temática que ele escolhe, mas na forma, no tratamento e na perspectiva que ele adota sobre o tema escolhido. Olhar de outra maneira. Olhar de novo. Repensar certezas e crenças. Portanto, é preciso duvidar, é preciso refletir sobre o que se observa, e principalmente, ter como missão desconstruir o senso comum. A boa sociologia é aquela que desconstrói o senso comum. Agora, diante desses tempos difíceis, modernos, pós-modernos, contemporâneos, nos perguntamos: temos tempo para reflexão além do post no TikTok ou do “textão” no Instagram? Temos coragem de analisar um fenômeno considerando a perspectiva dos atores sociais, e não a nossa visão “esclarecida”, algumas vezes distorcida, sobre eles? Em “A ciência como vocação”, Max Weber [1919]/(2003) nos convoca a produzir conhecimento “sine ira et studio”, que alguns traduzem como sem “ira e pré-conceito” e outros como “sem ódio ou paixão”.

É fundamental ressaltar que nós não somos educadores dos atores sociais, muito menos seus juízes. Nos cabe, como cientistas, ouvir, analisar, interpretar. E como a sociedade contemporânea precisa, urgentemente, de bons intérpretes. Precisamos muito de bons intérpretes.

Uma vez fui convidada, junto com o professor André Botelho, para uma palestra organizada pelos alunos da graduação da UFRJ, cujo tema era: “É possível fazer Sociologia hoje?”. Esse evento deve ter ocorrido há mais de 10 anos. A minha resposta foi a seguinte: é impossível não fazer sociologia hoje. Impossível, diante do movimento frenético da sociedade contemporânea. Como olhar as transformações no mundo atual sem a ciência que se dedica exatamente à compreensão das transformações sociais? É isso que a sociologia faz. Ela se move com o movimento da vida social, com o movimento da história. É imperativo se manter em movimento em tempos de profundas transformações, como agora. Afinal, as transformações sociais são a matéria-prima e o núcleo central das reflexões em nossa área.

Mas eu também percebo que estamos um pouco aturdidos por essa profusão de informações. Ficamos meio tontos com tanta coisa, ou pelo menos parece que acontece muita coisa. Às vezes penso: será que está acontecendo tanta coisa mesmo, ou estamos sendo levados por esse bombardeio de informações? Elas chegam com pressa, e muita pressa. Uma pressa que se impõe a todas as instâncias e a todas as esferas da vida, aparentemente inescapável, mesmo para a ciência, que se constrói somente através do amadurecimento e da reflexão. Mas eu disse “aparentemente”. Então eu gostaria de convidá-los, principalmente os alunos, a escaparem desse burburinho, tomando tempo para refletir sobre qual lugar, de fato, que as ciências sociais e, mais especificamente, a sociologia ocupam hoje. Refletir sobre qual seu lugar na academia e qual seu lugar fora dela. Qual é a natureza da nossa produção e o que a diferencia da reportagem, do lugar comum, da opinião do *influencer*, da comunicação social? O desafio para mim, diante disso, é como refletir sobre o tempo presente e a intensa dinâmica contemporânea sem que nos deixemos arrastar por narrativas fáceis e/ou interpretações pré-concebidas. Em última instância, cabe perguntar: o que nós fazemos?

Eu imagino que os alunos aqui já tenham ouvido, e nós também já ouvimos muitas vezes, essa pergunta dos amigos, dos familiares: “O que você faz?”, “Que legal, né, você passou para ciências sociais, mas o que é isso?”. Mas nós mesmos muitas vezes não nos fazemos essa pergunta. Tentamos responder naquele momento, mas nem sempre refletimos sobre a natureza desse nosso ofício.

Qual o estatuto científico da sociologia? Ela é ciência, ou ela é, simplesmente, uma narrativa sobre o social? Alguns sociólogos defendem que ela é uma narrativa, uma forma de descrever a vida cotidiana, uma maneira de ver o mundo e que, às vezes, se limita apenas a oferecer instrumentos retóricos para a comunicação e/ou a política. É muito difícil ficar defendendo estatuto científico, principalmente das áreas das Humanidades, mas precisamos defender e reconhecer que a nossa disciplina surge e é produto histórico de sociedades complexas e diferenciadas que, no final do século XIX ao início do século XX, criaram instâncias específicas para observar, descrever, interpretar e compreender a si mesmas. Uma das instâncias é a própria sociologia, que surgiu exatamente como a disciplina especializada nessa reflexividade.

A sociologia é onde a sociedade se pensa, é onde ela reflete sobre si mesma. Essa especificidade, essa vocação é o seu desafio, e por isso ela é frequentemente e erroneamente confundida e tratada meramente como “diagnóstico do presente”. Nesse caso, é instada a dar respostas rápidas, urgentes, ou reagir instantaneamente aos processos e dinâmicas que estão ocorrendo. Para fugir disso, dessa verdadeira armadilha que muitas vezes os próprios sociólogos criam para si mesmos, é necessário que nós estejamos constantemente avaliando e validando as várias dimensões envolvidas na produção de conhecimento, tais como diretrizes da pesquisa, procedimentos metodológicos, tradições teóricas, porque esses são os elementos que balizam e legitimam o nosso próprio processo de pesquisa. Uma vez que essa vigilância constante sobre a

qualidade do nosso trabalho é o que permite não só o reconhecimento do caráter científico das ciências sociais, como também a criação de redes interdisciplinares e internacionais de trocas científicas, considerando que é impossível falar do Brasil ou de qualquer outro país isoladamente; bem como garante a nossa relação, *competente*, com a esfera pública.

Para acompanhar o ritmo frenético dessas mudanças na geopolítica, na economia global, nos movimentos populacionais, nas ondas migratórias, refugiados, nas transformações ambientais, entre muitas outras questões que têm impacto direto na vida das pessoas, na vida social, e são forjadas em nível global e mundial, é imperativo discutir o papel, o lugar, e principalmente o futuro da sociologia. Na minha perspectiva, esse lugar é marcado pela integração com outras áreas de conhecimento. Quando se fala em “interdisciplinaridade” está-se referindo à ideia de *interdisciplinas*, portanto está se falando de uma articulação entre disciplinas e, assim, da *disciplinaridade* também. Não existe interdisciplinaridade sem disciplinaridade. Às vezes, as pessoas falam “interdisciplinaridade” como algo em que não houvesse mais o conhecimento específico, e isso não é real. A ideia de interdisciplinaridade em qualquer ciência é a ideia de que você entra com suas especialidades e especificidades, com sua marca disciplinar.

A interlocução com as outras áreas de conhecimento; como saúde, urbanismo — aqui na PUC-Rio há um campo de pesquisa importante —, tecnologia, comunicação, estudos de mídia, meio ambiente, demografia — que sempre foi e continua sendo característica da pesquisa em ciências sociais —, é fundamental para construir conhecimento amplo sobre a vida social. E por último, mas não menos importante, cabe enfatizar a relevância da análise sociológica para o desenvolvimento social, para a economia mesmo, especialmente o impacto que ela tem, sempre teve e pode continuar tendo na melhoria das condições de vida de toda a população. Isso tem efeitos diretos sobre o fortalecimento da inclusão social, na identificação de mecanismos de produção e reprodução de desigualdades e na contribuição para o desenho e a expansão de políticas voltadas para a participação e cidadania.

Eu queria, então, retomar neste ponto o tema geral deste evento, que é “Os desafios da democracia contemporânea”. Eu gostaria de fazer uma provocação, porque, eu aprendi que é mais importante fazer uma boa pergunta do que oferecer “boas” respostas. Mas a pergunta que eu quero deixar é a seguinte: É possível promover democracia, mesmo considerando as várias definições de democracia que possamos adotar, num contexto de desigualdade extrema? É possível falar de democracia em um contexto de desigualdade extrema?

Isso me faz lembrar a célebre frase do Chacrinha (1917-1988): “Eu vim para confundir e não para explicar”. Mas essa é mesmo a pergunta. Talvez a mais importante pergunta no Brasil; e ela está se tornando, também, muito relevante para o mundo. Uma vez que as desigualdades são crescentes e estão se aprofundando no mundo todo. Desse modo, é algo sobre o qual realmente

precisamos refletir: o que significa democracia e o que significa promover democracia num contexto em que as desigualdades são tão profundas como o nosso.

Pensando nessa nossa era, marcada pelo refluxo da mundialização ou, como vários apontam, de “desglobalização” — Brexit, trumpismo e tantos outros movimentos nacionalistas e ondas de xenofobia —, eu acredito que a sociologia pode vir a ser um elemento integrador. Eu acredito que ela tem papel fundamental na construção de pontes entre sociedades, simplesmente pela sua capacidade de melhorar a compreensão sobre o outro, de conhecer outras sociedades, outros sistemas de organização social e solidariedade. E aqui eu faço, também, a defesa da intensificação das pesquisas comparativas internacionais, porque é o conhecimento sobre outras sociedades que permite o diálogo e o distensionamento das relações entre populações. Afinal, a sociologia é uma ciência das populações.

Considerando isso, eu diria que a sociologia pode ajudar a mostrar o quão distintos e diversos somos em nossas identidades, mas, acima de tudo, ela pode revelar quão semelhantes somos em nossa condição humana, em nosso desejo de perseguir metas, de projetar visões de sociedade e de moldar o futuro. Ter projetos é algo tão humano! Ter projetos coletivos, nacionais, transnacionais. A profecia da fragmentação e atomização dos indivíduos na pós-modernidade, infelizmente, parece ter se cumprido. Talvez, nosso maior desafio como cientistas sociais seja, justamente, recuperar as noções de solidariedade e de coesão social, tão marcantes na obra de um dos nossos fundadores, talvez o mais sociólogo dos sociólogos, Émile Durkheim. E requalificar, claro, esses conceitos.

Eu acho que muitos fatores nos fizeram caminhar na direção do individualismo, poderíamos listar inúmeros, mas eu gostaria de indicar alguns que demarcam esse ponto da história, esse momento. A mobilidade, de forma positiva ou negativa, ficou mais frequente na contemporaneidade, aumentando a diversidade e o contato cultural; as novas redes e tecnologias intensificaram e aceleraram a comunicação e a troca de informações; o mercado de consumo global, ao criar produtos padronizados, também gerou gostos e estilos convergentes; e no cenário da geopolítica há uma clara reconfiguração, com alguns países emergindo como atores influentes. Nós nos tornamos mais conectados e informados, mas temos assistido em todo o mundo que essa intensificação no contato entre sociedades diversas, muitas vezes, tem se transformado em conflito, seguido de xenofobia e preconceitos crescentes.

Há uma onda de individualismo e isolacionismo, mesmo diante de evidências de que mudanças no meio ambiente, nos modelos econômicos ou mesmo nos cenários políticos em um país têm consequências globais, ecoando e envolvendo muitas outras regiões para além das fronteiras nacionais. Sabemos que as consequências de decisões tomadas em nível nacional refletem no mundo todo, ainda mais quando as sociedades se encontram tão conectadas e com cadeias de produção econômica, comunicacional e informacional, também mundializadas.

Nunca foi tão urgente produzir conhecimento sobre a sociedade e a sociologia nasceu com essa vocação, para contribuir e promover uma melhor compreensão do nosso mundo e, conseqüentemente, ter impacto na construção de um futuro melhor no plano *coletivo*. Em um momento em que tantos insistem em construir muros e erguer fronteiras, cabe à sociologia edificar e sustentar pontes.

Quero finalizar com uma nota bastante pessoal, homenageando todos os meus colegas das Ciências Sociais da PUC-Rio, em nome da professora Maria Alice Rezende de Carvalho, que é, sempre foi e continuará sendo por muito tempo uma inspiração e exemplo para todos nós da área. E como não lembrar do nosso querido mestre Werneck Vianna, Prêmio Florestan Fernandes, da Sociedade Brasileira de Sociologia, farol para a compreensão da realidade brasileira? Como nos faz falta sua luz! Recebam meu abraço, docentes, alunos, funcionários da PUC, de ontem, de hoje, de amanhã - vocês carregam também a esperança de uma sociologia academicamente relevante, consistente e socialmente comprometida.

Referências

- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GOLDTHORPE, John G. *Sociology as a Population Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- SCALON, Celi. Beyond Center-Periphery Dichotomy: Sociology in the global era. *Monitoring of Public Opinion: Economic and Social Changes*, n.5, pp. 44-52, 2018.
- SCALON, Celi.; TAVARES JUNIOR, Fernando; CHEUNG, Sing Yi. Stratification in the 21 century: opportunities and trajectories. *Civitas, Rev. Ciênc. Soc.*, 22, 2022.
- SCALON, Celi. Desigualdade, pobreza e políticas públicas: notas para um debate. *Revista Contemporânea da UFSCar*, v. 1 n. 1, Jan-Jun, 2011.
- WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2003.

